

O PLANEJAMENTO COMO INSTRUMENTO POLÍTICO- PEDAGÓGICO TRANSFORMADOR DA REALIDADE EDUCACIONAL

José Narcélio Barbosa da Silva Júnior (1); Flávia Aguiar Cabral Furtado Pinto (2); Tereza Cristina Lima Barbosa (3); Mardônio Souza Cunha (4); Maria Marina Dias Cavalcante (5)

(1) *Universidade Estadual do Ceará, nb_jr@hotmail.com;* (2) *Universidade Estadual do Ceará, flavia.aguiar.cabral@gmail.com;* (3) *Universidade Estadual do Ceará, tereza_rafael@yahoo.com.br;* (4) *Universidade Estadual do Ceará, mardonioscunha@hotmail.com;* (5) *Universidade Estadual do Ceará, maria.marina@uece.br*

Resumo do artigo: O ato de planejar sempre fez parte da realidade do ser humano. Como prática educacional sistematizada, no entanto, o planejamento ganhou força a partir do século XIX. À medida que o sistema capitalista ganhou força, a Educação assumiu uma feição tecnicista e fragmentada, voltada à preparação para o mercado de trabalho. Por muito tempo o planejamento acompanhou essa sistemática e apresentou-se como um manual de instruções que deveria ser fielmente cumprido pelos docentes. A necessidade de romper com essa concepção engessada e burocrática surge no campo educacional, onde o planejamento precisa servir como um instrumento político-pedagógico transformador da realidade. Para que isso aconteça, o docente deve assumir uma postura de mediador entre o planejamento e o discente, estimulando sua participação na construção dos próprios conhecimentos. O presente estudo, portanto, teve como objetivo analisar as etapas de uma experiência de planejamento sob a luz do que a literatura aponta como exitosa. Foi analisado o planejamento da atividade corre-cútia voltada à alfabetização lúdica e individualizada de educandos de variados níveis. Trata-se de uma investigação ancorada na vertente qualitativa, caracterizando-se como estudo exploratório-descritivo. A prática analisada rompe com os planos de planejamento tradicionais a medida que tira o professor como centro da atividade, exercendo um papel como mediador, sendo o aluno a ação do aluno o foco da atividade. São presentes nesse planejamento aspectos importantes como a avaliação diagnóstica da turma e a flexibilidade quanto a forma como a atividade planejada pode ser efetuada. Como resultado da análise do caso prático, observou-se que o planejamento teve um papel importantíssimo no ensino e aprendizagem emancipadora.

Palavras-chave: Planejamento Participativo, Professor Mediador, Aprendizagem Significativa.

Introdução

A atitude de planejar está presente na vida do homem. Até mesmo para as mais simples ações existe um planejamento. Esse ato de refletir sobre aquilo que se deve fazer, a forma de realização, objetivos e instrumentos relacionados se dá de acordo com a realidade humana e suas necessidades. O que motiva o planejamento é a vontade de transformar aspirações em verdade, a não execução desse planejamento pode trazer resultados insatisfatórios. Nas palavras dos autores Klosouski e Reali (2013, p.2): “aquele que não mais planeja, corre o risco de realizar as coisas de forma mecânica, alienada e, como consequência, sua ação não ter um sentido definido”.

O ato de planejar, portanto, ainda que intuitivamente, sempre fez parte das vivências humanas. O planejamento sistematizado, no entanto,

conforme aponta Vasconcelos (2002), somente surgiu no final do século XIX a partir da industrialização e do fortalecimento do sistema capitalista de produção. A Educação foi fortemente influenciada pela concepção, conforme destaca Kuenzer et al. (2003). A fragmentação do saber atingiu não apenas a grade curricular, mas também o planejamento educacional, que em um primeiro momento apresentou-se como uma espécie de roteiro, um conjunto de ações e tarefas que deveriam ser desenvolvidas em sala de aula, de forma mecânica e inflexível. O professor assumia a posição de detentor do conhecimento, enquanto ao aluno cabia apenas a tarefa de consumir os conteúdos de forma acrítica. Trata-se do período denominado por Otto (1984) como fase do princípio prático.

Em 1930, o movimento da Escola Nova trouxe uma nova concepção de Educação. O ensino e a aprendizagem deveriam ter como foco principal o aluno, o qual deveria ter um papel ativo com relação à construção do próprio conhecimento. Apesar de não se preocupar verdadeiramente em discutir as desigualdades sociais, esse movimento foi importante na direção do ensino e aprendizagem participativos. (SAVIANI, 1997).

O golpe militar de 1964, no entanto, instalou a repressão e impediu o desenvolvimento de um ensino crítico e reflexivo, ao mesmo tempo, o “milagre econômico” passou a exigir uma educação voltada à produtividade e eficiência no mercado de trabalho. (FUSARI, 2008). A pedagogia tecnicista atingiu seu ápice, o que teve reflexos diretos no planejamento. O professor deixou de ser o centro do processo de ensino e aprendizagem e passou a ser, juntamente com o aluno, mais uma peça da engrenagem produtiva, assumindo a função de um mero intermediário entre o aluno e o planejamento. (MARTINS, 2006).

Em razão desse tecnicismo educacional, que passou a conceber o ato de planejar como um manual de instruções a ser fielmente cumprido, o planejamento passou a ser mal visto por muitos docentes (FUSARI, 2008).

Saviani (1997), no entanto, defende que a Educação deve superar o poder ilusório de autonomia da escola e do educador e o sentimento de impotência trazido pelos defensores das teorias crítico-reprodutivas da Educação, que a consideram unicamente como um instrumento de dominação criado unicamente para possibilitar a perpetuação das desigualdades. É essencial, portanto, retomar a luta rumo a um ensino de qualidade para todos, articulando a educação aos interesses dos marginalizados, de forma a impedir que a educação seja utilizada como um mero instrumento reprodutor ou criador de

desigualdades sociais. O planejamento, como instrumento político-pedagógico transformador da realidade educacional deve estar também pautado nessa perspectiva.

Assis et al. (2003, p.3) define planejamento como um “conjunto coordenado e organizado de ações que visam alcançar a realização de determinados objetivos”. Quando se trata de planejamento dentro da educação, dentre os seus objetivos destaca-se a realização de uma prática educativa eficaz. Apesar disso, o ato de planejar é visto, por muitos docentes, como um ato burocrático que em nada contribui para a melhoria da prática educativa.

Para que a prática do planejar não seja enquadrada apenas como um ato para atender burocracias, Klosouski e Reali (2013) afirmam que esta deve possuir intenções e objetivos. Piletti (1990, p.65) define esses objetivos como a descrição dos resultados que almejamos com nossa atividade. São provenientes da comunidade, da família, da escola, da disciplina do professor e especialmente do aluno, como o autor define: “são sempre do aluno e para o aluno”.

Para a formulação desses objetivos é necessário refletir sobre o que a comunidade escolar necessita. O planejamento assim deve cumprir com o papel de atender as necessidades não só dos alunos, mas da sociedade em seu entorno, devendo assim ser elaborado de acordo e com base na realidade existente (ASSIS et al., 2003). Klosouski e Reali (2013) afirmam que ao se planejar direcionando a atenção para as necessidades do aluno, devemos considerar suas particularidades, visto que todos têm tempos de aprendizagens diferentes e levar em consideração fatores dotados de real significado para a turma em vez de ser feito de forma mecânica e repetitiva.

Assumindo que uma boa prática de planejamento influencia tanto na prática do professor quanto na aprendizagem dos alunos e direciona o rumo a ser tomado (ASSIS et al., 2003) é essencial que o professor enxergue essa prática de uma forma além da burocrática ou como apenas um conjunto de passos a serem seguidos, mas como uma prática transformadora que incentive a uma postura reflexiva sobre suas ações (LEAL, 2010).

A pesquisa, portanto, tem como objetivo realizar uma análise das etapas de uma experiência de planejamento sob a luz do que a literatura aponta para que uma prática de planejamento possa ser exitosa.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa de natureza exploratória-descritiva, da qual participou uma professora da rede municipal de ensino de Fortaleza, Ceará. A professora permitiu que avaliássemos sua prática de planejamento de ensino, bem como sua aplicação. A coleta de dados envolveu a análise dos escritos de planejamento da própria professora e a utilização de filmagens como registro do momento da aplicação da atividade planejada.

Caso prático de planejamento exitoso: A brincadeira Corre-cutia

A atividade ocorreu com a turma do 2º ano C da escola Laís Sidrim Targino. Município de Aquiraz. A professora Regina procurou trabalhar uma atividade que englobasse todos os alunos independentemente do nível de aprendizagem dos mesmos, uma vez que sua turma tem alunos silábicos, silábicos alfabéticos e alfabéticos ortográficos.

Iniciou atividade com a leitura fluente da parlenda Corre-cutia, depois alguns alunos foram convidados para lerem. Em seguida, a professora explicou a brincadeira Corre - cutia e convidou-os para participarem da brincadeira. Após a realização da brincadeira, algumas crianças foram à frente e circularam, no cartaz da parlenda, palavras ditadas pela professora. Logo após, foi apresentado as cartelas de ovos com as sílabas coloridas para os silábicos e os silábicos alfabéticos e em uma única cor para os alfabéticos ortográficos juntamente com as ligas. a professora explicou que agora eles iriam participar de um caça palavras e que iriam procurar as palavras sublinhadas no cartaz e por último realizar a leitura em voz alta.

Como objetivo, buscou alfabetizar crianças de forma lúdica e individualizada, possibilitando a identificação das necessidades específicas de cada aluno. No que se refere ao conteúdo, concentrou-se em ensinar o alfabeto. A metodologia empregada conjugou música e atividades artísticas em que os alunos, por meio de cartelas de ovos coloridas, contendo as letras do alfabeto e ligas, formaram palavras diferenciadas e ligadas ao seu cotidiano. A forma de avaliação, no entanto, não foi mencionada.

Resultados e Discussão

No mundo infantil, a imaginação é ilimitada. É brincando que a criança se percebe explorando o mundo que o cerca. Para Vygotsky

(1984) apud Correia (2014), a zona de desenvolvimento proximal é o encontro do individual com o social, sendo a concepção de desenvolvimento abordada não como processo interno da criança, mas como resultante da sua inserção em atividades socialmente compartilhadas com outros. Pelo brincar as crianças estão em interação, trocando e compartilhando informações, sendo parceiras na aprendizagem do novo ou avançando em suas hipóteses. Interagindo ludicamente com o mundo real por meio da música, ela desenvolve o aprendizado e o crescimento infantil. É buscando dar ênfase ao ensino de estratégias de leitura, que o presente trabalho, procura analisar uma prática exitosa na educação infantil, utilizando-se da música como uma dessas formas lúdicas importantes no desenvolvimento infantil. Para Lino (2002) “a expressão sonora é acessível à criança antes da palavra, sendo bastante comum que ela cante antes de falar”.

Uma das vantagens do trabalho com a parlenda é o fato de serem textos curtos e facilmente memorizados pelas crianças. Ao saber o texto de cor, é possível voltarem mais sua atenção para a notação escrita e refletir sobre as palavras orais e seus segmentos. Essa modalidade no fazer pedagógico, possibilita o avanço nos conhecimentos sobre a linguagem em etapas e de forma crescente.

Podemos admitir que a prática de planejamento analisada afasta-se da perspectiva de cunho tradicional, uma vez que não considera o professor como o único detentor do conhecimento, ao contrário, valoriza a postura do docente como mediador da atividade, saindo da posição central do processo de aprendizagem. Durante a execução da atividade, quem se destaca como protagonista de todo o processo é o aluno. Esta ação pedagógica é evidenciada por FREIRE (2000) quando nos remete à ideia de que os educadores precisam saber o que se passa no mundo das crianças. Para GANDIN (1983, p.18) “o processo de planejamento é concebido como uma prática que sublinhe a participação, a democracia, a libertação. Então, o planejamento é uma tarefa vital, união entre a vida técnica para o bem-estar do homem e da sociedade”.

Além disso, afasta-se da perspectiva tecnicista que fragmenta o processo de ensino e aprendizagem como uma linha de montagem. No auge da influência do sistema Taylorista-Fordista de produção capitalista, os planos de aula se resumiam a manuais de passos a serem rigorosamente seguidos pelo professor, devendo o aluno assumir uma posição passiva no processo de ensino e aprendizagem. Era bastante

comum a figura do professor que planejava a aula para que outro executasse. De acordo com Saviani (2008, p. 383), a educação, nesse período, era “concebida como um subsistema cujo funcionamento eficaz é essencial ao equilíbrio do sistema social de que faz parte”.

Em nosso exemplo de prática exitosa, a professora é responsável pela elaboração do planejamento da aula e por sua execução, traçando cuidadosamente as metodologias necessárias ao alcance das finalidades pretendidas, cuidando para que os alunos participem ativamente do processo de ensino e aprendizagem. Além disso, durante a execução da atividade, busca contextualizar os objetos de ensino através da inserção das palavras em contextos próximos e reconhecíveis ao aluno, o que os aproxima do contexto social em que estão inseridos.

Outro aspecto importante a ser considerado é que através de uma noção diagnóstica inicial, a heterogeneidade da sala aparece em evidência, o que direciona o plano de execução da professora, essa postura segundo Klosouski e Reali (2013) aponta como um aspecto essencial ao ser incluído dentro do planejamento de ensino por considerar as formas de aprendizagens individuais de cada aluno, bem como suas dúvidas e hipóteses. Esse processo de diagnóstico permitiu identificar alunos em grau silábico, silábico-alfabético e alfabético. Além disso, o caráter lúdico da atividade chama atenção ao colocar as crianças para correrem, cantarem e baterem palmas, alcançando a esfera afetiva do aluno, despertando seu interesse pela participação na brincadeira.

A flexibilidade também é uma característica importante do plano de aula em questão, o que fica demonstrado através da possibilidade de realizar as atividades tanto de forma individual como em grupo. A professora opta pela segunda opção visto que, dessa forma é possível promover o espírito de coletividade e cooperação e ao mesmo tempo desenvolver habilidades individuais de leitura nos alunos. Trata-se de uma prática social e educacional transformadora que contribui efetivamente para a emancipação dos educandos.

É possível, portanto, constatar que a prática de planejamento em análise tem características que mais se aproximam de um contexto participativo de ensino e aprendizagem. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática (FREIRE, 1996, p.44). Além disso, possui outras características positivas

como: objetividade, criatividade, coerência, flexibilidade e exequibilidade.

Conclusões

O planejamento em um contexto educacional emancipador não deve assumir o caráter de simples manual de instruções a ser aplicado de forma mecânica pelos docentes. Busca-se, cada vez mais, uma abordagem que conduza os discentes a atuarem ativamente na construção dos próprios conhecimentos, de forma a conduzi-los à transformação da realidade social em que estão inseridos. Para isso é necessário que o planejamento seja cuidadosamente construído. Deve possuir objetivos claros, metodologias adequadas e compatíveis com a realidade educacional, o conteúdo deve ser relevante e relacionado ao contexto social dos educandos e a avaliação deve acompanhar todo o processo de aprendizagem. (MASETTO, 1997).

A atuação docente bem planejada é capaz de conduzir o discente a um nível escolar mais avançado. No caso prático apresentado, o aluno foi capaz não apenas de encontrar as palavras que a professora pediu, mas também de sugerir palavras, participando ativamente. A escrita das palavras no quadro permitiu a construção de repertório para a criança, o que contribuiu para o enriquecimento do seu vocabulário. Ademais, a atividade focou em um contexto de socialização e aprendizagem colaborativa e lúdica, uma vez que as crianças cantaram, brincaram e então localizaram as palavras, o que as tornaram plenas de significado. De uma forma geral, portanto, o planejamento atendeu aos requisitos preconizados por Masetto(1997) ao mesmo tempo em que conduziu os educandos ao ensino e aprendizagem participativo e emancipador, atendendo as necessidades dos alunos (ASSIS et al., 2003).

No que se refere ao objetivo, constata-se que foi possível estimular o aprendizado e observar as habilidades e necessidades de cada criança, possibilitando uma abordagem educacional individualizada. O conteúdo apresentado foi adequado à realidade das crianças e estimulou a participação na construção ativa dos conhecimentos, uma vez que os próprios educandos tiveram a oportunidade de formar palavras familiares ao seu contexto social, bem como aprender palavras novas e enriquecer seu vocabulário.

A metodologia empregada atendeu plenamente à concretização dos objetivos pretendidos, uma vez que conjugou música e atividades artísticas, despertando o interesse dos

alunos e o prazer em aprender.

A forma de avaliação, no entanto, não foi mencionada. Com relação à avaliação, apesar de não ter sido mencionada de forma clara no plano de aula, provavelmente por falta de tempo da professora, ocorreu durante toda a atividade, uma vez que o aprendizado de cada aluno foi permanentemente supervisionado pela professora, que auxiliava e corrigia os educandos, de forma individualizada.

Conclui-se, portanto, que o planejamento das aulas é de suma importância para o ensino e a aprendizagem emancipadores e transformadores da realidade educacional, uma vez que somente por meio de um raciocínio cuidadoso e crítico acerca dos objetivos a serem alcançados, das metodologias adequadas, dos conteúdos a serem abordados e do tipo de avaliação, é possível atuar de forma direcionada a formação de cidadãos comprometidos com a melhoria da sociedade.

Referências Bibliográficas

ASSIS, R. M. de; BARROS, Marcos de Oliveira; CARDOSO, Natália Santos. **Planejamento de ensino:** algumas sistematizações. Itinerarius Reflectionis (Online), v. 04, p. 01-13, 2008.

CORREIA, Maria Aparecida da Silva. **Planejamento participativo:** as relações das instituições família/escola no desenvolvimento da aprendizagem. 2014, f. 46. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização). Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação em parceria com Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9160/1/2014_MariaAparecidadaSilvaCorreia.pdf>. Acesso em 07 de Set 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção leitura).

FUSARI, José Cerchi. **O planejamento do trabalho pedagógico:** algumas indagações e tentativas de respostas. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p044-053_c.pdf>. Acesso em 27/11/2008.

GANDIN, Daniel. Planejamento como prática educativa. Edições Layola. São Paulo: Brasil, 1983.

KLOSOWSKI, S. S.; REALI, K. M. Planejamento de ensino como ferramenta básica do processo ensino-aprendizagem. **Revista Eletrônica Lato Sensu,** Paraná, 2008. Disponível

em: <http://www.horacio.pro.br/fmp/2012-1/planejamento/7-Ed5_CH-Plane.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2013.

KUENZER, Acácia Zeneida, CALAZANS, M. Julieta C., GARCIA, Walter. **Planejamento e educação no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LEAL, R. B. **Planejamento de ensino**: peculiaridades significativas. Revista Iberoamericana de Educación, Buenos Aires, n. 37/38, p. 1-6, 2005. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/deloslectores/1106Barros.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2010.

LINO, DL. **Música é...cantar, dançar...e brincar! Ah!tocar também**. In:Cunha SRV. Cor, som e movimento: a expressão plástica,musical e dramática no cotidiano da criança. 3ªed. Porto Alegre (RS): [s.e.];2002. p.59-92.

MARTINS, Pura Lúcia Oliver. As formas e práticas de interação entre professores e alunos. IN: VEIGA, Ilma Passos A. (org). **Lições de Didática**. Campinas: Papirus, 2006.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Didática**: a aula como centro. 4 ed. São Paulo: FTD, 1997.

OTTO, Margot. Planejamento de aula: do circunstancial ao participativo. IN: Planejamento e participação. **Revista de educação da AEC**, n. 54. Brasília, 1984.

PILETTI, Claudino. **Didática geral**. São Paulo: Ática, 1990.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica** : primeiras aproximações. 6. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

_____. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. 2.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.